

Ana, junto a companheiras como Santiago, viveu uma imersão espiritual e humana na missão



'Hoje eu não reclamo de nada', relata Ana Carolina após volta de missão que durou 12 meses na África



A missionária conta que sua missão foi além de levar os ensinamentos da igreja, mas sim de vida



Ana Carolina não deixa de enaltecer todo o apoio e companheirismo que teve de suas colegas de missão. Em especial a Sister Santiago, na foto com ela, junto a moradores da região

quem quiser ajudar o projeto, basta seguir o perfil no Instagram @seja_luz_anchilo e entrar em contato com ela.

A missão também consolidou sua fé. “Eu frequento a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias há quase 12 anos. Foi onde conheci pessoas que mudaram totalmente o meu destino, não só durante a vida, mas também na eternidade.”

No retorno, o apoio da comunidade religiosa foi essencial. “A igreja me ajuda muito na autossuficiência. Ela nos instrui a ser independentes, a recomeçar com fé e propósito.”

Ato de solidariedade

Em um país com altos índices de pobreza e desafios estruturais — Moçambique é uma das nações com menor IDH do mundo — a presença de missionários como Ana representa não apenas um ato de fé, mas também de solidariedade. Ela testemunhou de perto a força de um povo que, apesar das dificuldades, mantém viva a alegria e a esperança.

“Eles não têm nada, sabe o que é nada? E estão lá, cantando, dançando, te abraçando. Isso mu-



Devido aos conflitos políticos, a missionária ficou um período na África do Sul. Na ocasião, visitou a sede da igreja em Johannesburg, África do Sul

dou meu jeito de ver o mundo.”

Hoje, Ana Carolina carrega no coração as memórias de Anchilo, as risadas das crianças e a simplicidade que aprendeu a valorizar. “Tudo que vivi lá me ensinou que felicidade não é o que você tem, mas o que você compartilha.”

Entre lembranças, fé e projetos sociais, a jovem missionária reafirma que sua jornada em Moçambique foi mais do que uma experiência religiosa — foi uma lição de humanidade.

Moçambique

Com uma população majoritariamente jovem e carente de recursos básicos, Moçambique enfrenta desafios profundos em suas regiões mais afastadas, como Anchilo, Nampula e Beira, cidades que marcaram a missão de Ana Carolina. Nessas localidades, a falta de infraestrutura e a escassez de oportunidades fazem parte da rotina de milhares de famílias. A maioria das crianças cresce sem acesso regular à escola, e o analfabetismo ainda é uma realidade presente em boa parte da população rural.

Anchilo, em particular, é

um pequeno vilarejo nos arredores de Nampula, onde muitas famílias sobrevivem da agricultura de subsistência. Ali, o trabalho voluntário de missionários e organizações humanitárias se torna essencial. Eles levam não apenas mensagens de fé, mas também educação, cuidados básicos de saúde e esperança. O gesto de ensinar uma palavra em português ou dividir um prato de comida se transforma em uma forma de empoderamento e dignidade.

Mais do que uma ação religiosa, as missões humanitárias em Moçambique representam um encontro de mundos. Seja qual for a crença, o idioma ou o país de origem, cada voluntário que chega ao solo moçambicano contribui para semear conhecimento, solidariedade e amor. Em regiões onde muitos ainda não sabem ler ou escrever e nem sempre têm o que comer, gestos simples tornam-se grandes transformações. É nesse cenário que histórias como a de Ana Carolina florescem, mostrando que a fé, quando colocada em prática, tem o poder de mudar não só quem recebe, mas também quem doa.